

JOÃO ANGELO OLIVA NETO, *Falo no Jardim. Priapéia Grega, Priapéia Latina, Cotia e Campinas, Ateliê Ed. e Ed. UNICAMP, 2006, 432 p., ISBN 8574803006 e ISBN 8526807056.*

Priapo e Estudos Clássicos no Brasil

A pesquisa em Estudos Clássicos no Brasil é frágil, para não dizer, muita vez, tímida, em que se pese aqui valorosa oposição a essa premissa, já que podemos enumerar grande número de contribuições de iniciação científica, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos, que podem ser propostos e publicados em quaisquer países centrais, nos quais esses estudos possuem, de um lado, a devida valorização do governo e da própria sociedade, digamos, civil, e, de outro, real importância internacional, obliterando certo estrato científico desprezível e dispensável.

Quais são os elementos que devemos observar em pesquisa desse jaez a fim de que abandone a ‘seara da mediocridade’ e incorpore o universo de pesquisas ‘de ponta’ na grande área Estudos Clássicos? Afora critérios metodológicos, operados com honestidade, coerência e precisão, podemos apontar não em ordem de importância: o ineditismo, o concreto conhecimento por seu agente das línguas antigas, em que os “documentos / monumentos” – com a devida vênua de Jacques Le Goff – foram elaborados, a inserção da discussão nas pesquisas congêneres em âmbito internacional, a relevância do objeto – tendo sido descartado certo etnocentrismo positivista – o manejo habilidoso dos comentários antigos e escólios (ainda tão esquecidos e distantes cá nessas terras) e, por fim, o *ingenium*, talvez o critério menos objetivo, porém algo importante dado que ninguém há de negar o quanto são proficuos a habilidade e o talento.

Distante de certa ortodoxia e mesmice acadêmica, por que não dizer: bancária, João Angelo Oliva Neto em 1996 já apontara em seu trabalho inaugural – *O Livro de Catulo* – um diferencial: a associação entre coragem e competência, afinal as suas letras e as de Catulo diziam: “meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos” (ver Catull. 16), apontando, em chave metalinguística, a distância entre sujeito da enunciação poética e sujeito histórico a qual por nós, classicistas, deve sempre ser mantida viva. Assim seu *ingenium*, retórica e poeticamente, foi construído, afinal João seguiu o *cursus honorum*, como se fosse um Catulo e, talvez, um Calímaco. Impediu que maus leitores, ou simplesmente, classicistas maus, ou ainda, maus e mediocres classicistas o afastassem do lugar que lhe cabe na academia e no circuito científico. Seu Catulo é, digamos, remate contra os maus e os males, afinal, pelo *ingenium*, elimina seus possíveis detratores. E melhor por sua competência e coragem, deleita-os, ensina-os, alfim, os convence.

A segunda demonstração de seu engenho veio com seu doutorado. Permito-me aqui um excursão. Estávamos eu e ele no Rio de Janeiro, na Livraria Leonardo da Vinci, na Avenida Rio Branco, quando vimos o livro de Amy Richlin¹, e ele me disse: ‘esse deus será meu doutorado’. Dei risada, afinal o livro se chamava: *The Garden of Priapus: Sexuality and Aggression in Roman Humor* (New Heaven, Yale University Press, 1983). Apontava-me ele os *poemas priapeus* obviamente, e não a pesquisadora, afinal era um deus... Logo pensei nas engenhosas traduções dos poemas fesceninos de Catulo... O Priapo assim se transformou em doutorado e o doutorado tornou-se livro (metamorfose imperceptível) e é disso que falo hoje: *Falo no jardim*.

Oliva foi à Itália estudar na *La Sapienza - Università di Roma*. Que conjunção atávica! Devemos crer atavismos? Sim! João é visceral, tem verve, enfim, é profundo mesmo. Tratou de poemas de que ninguém tratou. Falou de coisas de que ninguém falou. Mostra em *Falo no Jardim* habilidades que colocam o Brasil no concerto das nações desenvolvidas nos Estudos Clássicos. Fazem o Brasil penetrar, ficar de pé diante do inefável! Vejamos (p. 191 e 195)²:

Aqui num muro a mim me ergueu, Priapo vîgil,
Dinômenes por guarda dos legumes.
Mas vê, ladrão, que já me enteso. ‘E isto’, indagas,
‘por uns poucos legumes?’ Por uns poucos.

De ambas estradas guarda, erguido fui Priapo
Alçando dentre as coxas tesa vara.
Fiel me pôs Teócrito: pois sai, ladrão,
Pr’a que não chores recebendo o nervo.

Esse deus tese / livro / poesia afasta o mau-olhado. É talismã. É seguro contra o malsinado, ninguém se atreve contra tamanha envergadura! Entretanto, sendo observada a matéria baixa e o modo jocoso, como se vê nos exemplos, para o desavisado ou incauto leitor leigo, pode haver a sensação de que a pesquisa com literatura clássica é puro impressionismo, é pura sensação, pura tentativa... Equívoco, pois o trabalho, a despeito do objeto e do modo, visa academicamente também a constituir certa matéria teórica da qual carece o assunto no Brasil e no mundo (p. 83):

Estabelecer a linhagem do gênero temático da Priapéia pressupõe definir o que é Priapéia. De modo preliminar, priapeu é o poema em que a presença de Priapo é manifesta ou de tal modo presumida que não nomeá-

¹ UCLA, *Classics Department*.

² Leônidas de Tarento: *APL*. [Leon.] 16.236 e 261.

lo não impede de reconhecê-lo. Tal presença é sempre estabelecida pela existência, no poema, de uma efígie do deus, explícita ou implícita, com a qual sempre se relaciona uma fala, que assume uma das três possibilidades: ou provém do deus, ou a ele é dirigida, ou a ele se refere.

Falo no jardim, outrossim, dá um passo adiante no projeto científico ingente de João Angelo iniciado com *Catulo*, cuja base era uma teoria ou doutrina tradutória, mediada por aquela capacidade / habilidade inata a que se deu o nome de talento, cujo bom e belo exemplo podemos observar em *Priapea Latina* (p. 209)³:

Por troça eu escrevi, Priapo, (viste)
 estes versos sem muito esforço, próprios
 não para um livro e sim para um jardim.
 Porém não invoquei, como os poetas,
 pr'a este não virgíneo jogo as Musas,
 pois desejo não tive nem coragem
 de ousar trazer irmãs tão castas, grei
 Piéria, até o pinto de Priapo.
 Assim, seja o que for que ocioso eu tenha
 escrito nas paredes de teu templo,
 rogo, aceites com boa intenção.

Então nele, nesse novo projeto, João foi às fontes. Fez a recolha de seu objeto, *corpus* disperso e quase imaculado, porque não fora completamente selecionado e organizado no Brasil e, talvez, no mundo. São 37 poemas gregos da *Antologia Palatina* (livros 5, 6, 9, 10, 11, 16) e 86 poemas latinos, advindos de fonte vária e anônima, apesar das conjecturas que atribuem autoria desses poemas a *personae / auctores* insignes das letras romanas.

Portanto, é esse objeto poético de textos gregos e latinos o lugar em que Oliva se revela poeta. Ele os organiza, os poemas. Mais. Muito mais... Ao traduzir poeticamente, mostra *kléos* próprio ao vate. E isso demonstra como sua capacidade linguística é aguçada e está a serviço do deleite. Tanto as línguas de partida (grego e latim) são perfeitamente observadas, como o vernáculo, língua de chegada, é talhado com bom gosto e erudição.

A bibliografia moderna e antiga – meio essencial de uma pesquisa científica bem realizada – é operada por Oliva Neto com maestria. Sua tese não se rende à coleta infundável de citações que tanto enfastiam o *scholar* e tanto confundem os leigos, a ponto de esses sentirem que estão diante de uma colcha de retalhos grosseiramente unidos e aqueles se perpetuarem num *déjà-vu* cansativo e infinito. A justa medida é, portanto, caráter essencial a essa obra.

³ *Priapea Latina* 2.

Já o objeto de *Falo no jardim* é uma divindade, entretanto, nenhuma daquelas olímpicas, tratadas de forma sistemática séculos a fio sob as mais diversas perspectivas. Ao contrário, é uma divindade menor (o primeiro capítulo é *Priapo, um Deus Menor*) e que, por ser menor, foge ao etnocentrismo mesquinho, canhestro, tolo e caolho. João mostra como o pequeno deus, de pênis enorme e quase sem renome na tradição, circula no mundo antigo e está presente na vida cotidiana de gregos e romanos. Portanto, mesmo que de forma velada, seguindo certa tradição historiográfica que valoriza aquilo que sempre foi desvalorizado por estar distante do ‘oficial’ e, assim, próximo do “homem comum”, essa pesquisa faz circular mais uma vez a ideia de que para termos a exata dimensão do mundo antigo, devemos nos ocupar também daquilo que está presente no dia-a-dia. Essa qualidade do trabalho o coloca em posição de destaque nas áreas que compõem os Estudos Clássicos.

Além do texto verbal do qual já tratamos, Oliva resgata enorme gama de representações visuais do deus. Sua manifestação principal, porquanto se a poesia lhe dá voz, sua *imago*, vez lhe dá. Aponta para seu lugar no mundo, aponta para a sintaxe dos *simulacra*, isto é, como os *eikónes* interagem na e com a geografia do mundo e, mais, da sociedade. A final Priapo é o deus do jardim, das hortas e hortos, dos portos e das ombreiras de portas.

Assim, com João Angelo, o deus, digamos, esquecido, reconquistou sua importância. Já não mais descansa nos acervos esquecidos ou inacessíveis de grandes museus, ou nos portais e ombreiras de sítios arqueológicos, nem mais, adormecido e difuso, em livros não mais editados. Hoje o deus itifálico volta ao seu lugar na sociedade, está pleno, tudo isso, graças à magnitude de *Falo no Jardim* de João Angelo Oliva Neto.

PAULO MARTINS
paulomar@usp.br
Universidade de São Paulo, Brasil